

## Por que Educação e Cultura vivem uma esquizofrenia no Brasil?

“A inadequada reprodução do modelo americano criou uma esquizofrênica separação entre educação e cultura. Expulsaram a cultura da escola (...). Se a educação não se incumbem de desvelar o mundo mágico da arte, vamos continuar a ver formarem-se médicos, engenheiros, advogados, economistas – que, muitas vezes, por sorte, empenho ou talento pessoal, chegam a alcançar a competência técnica específica – que nunca vibraram com a leitura de um romance, nunca umedeceram os olhos com um soneto, nem se enlevaram ao ouvir uma sinfonia. A educação é irmã inseparável da cultura”.

Veja trechos da entrevista do escritor e teatrólogo **Alcione Araújo** à Revista da Cidadania (Ibase), propondo um novo – velho modelo para a educação brasileira.

Dê sua opinião.

A partir do quadro inicial da formação miscigenada da população brasileira, as elites abrigam-se em seus privilégios e a grande massa é mantida distante dos valores educacionais, culturais e econômico-universais, de origem européia. Uma segregação que ainda perdura, hoje com contornos de apartheid. Por isso o Brasil não desenvolveu um público para a chamada “alta” cultura. A maior parte da população sempre esteve do lado excluído da sociedade, afastada pelo apartheid econômico, social e cultural, da mesma forma que os negros assistiam a missa confinados numa área cercada da igreja. O que poderia mudar esse quadro seriam políticas públicas menos perversas que permitissem a escolarizar e formar homens, cidadãos e profissionais, além de uma distribuição de renda menos perversa. Enquanto esse avanço não se efetiva, o País vai ter, se é que já não tem, duas culturas conflitantes numa mesma geografia. E os enfrentamentos, via violência urbana, vão se ampliar.

[...]

Mas houve mudanças na educação e cultura brasileiras. Ocorre, por exemplo, uma mudança substancial na orientação doutrinária da educação brasileira, assim como na da cultura, após a segunda guerra mundial. O eixo de referência da educação e da cultura brasileiras era, até então, europeu, particularmente francês, beneficiando-nos com um legado que incluía as conquistas do Iluminismo, os ideais da Revolução Francesa e o seu histórico lastro humanista e intelectual. Ao cruzar o Atlântico, da França para os Estados Unidos, esquecemos no velho mundo o clássico tripé dos compromissos fundamentais da universidade com a formação do profissional, a formação do cidadão e a formação do homem. Esquecemos também o ideal aristotélico do homem integral, peculiar à longa tradição do humanismo europeu, do francês em particular, e passamos a comer poeira na estrada desbravada pelo pragmatismo americano. Com uma diferença: nos EUA não apenas a família, mas também a escola e a igreja introduzem os jovens no mundo da cultura,

assim como no exercício da cidadania. Apenas introduzem, mas é melhor do que nada. A vitória dos aliados impõe ao mundo o poderio dos irmãos do norte. A educação brasileira encontra no pragmatismo americano um novo modelo, com notório predomínio da ciência e tecnologia – afinal, foram justamente a ciência e a tecnologia que lhes trouxeram a supremacia, quer pelo impacto da explosão de duas bombas atômicas no Japão, quer pela criação anterior das indústrias automobilística, cinematográfica e, mais tarde, televisiva, acolhidas de braços abertos por todo o mundo. Isso sem falar na Coca-Cola!

[...]

Desde o fim da segunda guerra os americanos vêm consolidando a sua liderança. E com tal ímpeto e truculência que tornaram-se, com a globalização e o neoliberalismo contemporâneos, um império hegemônico. Hoje, curiosamente, o primeiro item da sua pauta de exportações, não é mais a indústria aeroespacial, mas a indústria de entretenimento, com os produtos audiovisuais, fundamentais para a implantação da cultura de massa. Tal indústria começou a se instalar no Brasil na segunda metade do século XX, quando o País alcançou um certo desenvolvimento econômico e a população atingiu um índice de crescimento demográfico que o tornara apto a viabilizar investimentos em modernos meios de comunicação de massa. Acumulando a experiência adquirida com o rádio, o grande divulgador da música popular brasileira e sustentação da indústria fonográfica, chegamos às redes nacionais de televisão, de enorme capilaridade, capazes de atingir todos os recantos de um país continental com 173 milhões de habitantes. Quando as práticas culturais tradicionais – ler, ir ao teatro, ao cinema, ouvir música, visitar museus de arte, até mesmo ler jornais – começavam a se disseminar, a entrada da televisão é um verdadeiro estupro de uma sociedade sem antídotos culturais para resistir.

Hoje, com os dados acumulados em mais de 30 anos de pesquisas semanais sobre os hábitos e costumes da população brasileira, a televisão produz uma programação rigorosamente ajustada às classes sociais, faixas etárias, níveis de renda e de escolarização da população. Com esta estratégia, mantém cativa uma audiência de tal proporção que faz da televisão – um conjunto de empresas privadas, beneficiárias de concessões públicas, que, no entanto, visam altíssimos lucros e usam de todos os meios para defender seus interesses – a mais importante referência cultural do país. A audiência cativa da televisão brasileira não tem, proporcionalmente, paralelo no planeta. É formada, sobretudo, pelas camadas mais humildes da população, na qual grassa a baixa escolaridade e o analfabetismo e que, tendo abandonado progressivamente outras formas de entretenimento e práticas culturais, renderam-se ao indiscutível fascínio – que começa pela sofisticada tecnologia de geração e transmissão – da televisão, renunciando, aos poucos, à sua inserção cultural. Estava instalada, e com voracidade avassaladora, a indústria de entretenimento no Brasil. E, com ela, ruiu um dos pilares do capitalismo – a concorrência melhora a qualidade do produto. Com a baixa escolaridade da maior parte da população, quanto pior a qualidade da programação, maior a audiência.

[...]

No Brasil, para as camadas mais pobres da população, ou seja, a grande maioria dos brasileiros, a igreja e a escola aqui não oferecem as possibilidades culturais e, mesmo, educacionais que as norte-americanas, o jovem depende mais do nível cultural de sua família, em geral, baixo. Secular periferia do mundo, a grande maioria das famílias brasileiras não teve educação formal e está alijada do mercado cultural tradicional. Raras são as residências em que se vêem livros, quadros, esculturas, instrumentos musicais, gravações musicais, popular ou erudita, fitas de filmes, etc. Já a televisão, como o meio, por excelência, de veiculação da indústria de entretenimento, arrebatou uma audiência formada de pessoas que não tinham adquirido os hábitos culturais tradicionais. Os valores morais, éticos e estéticos da indústria de entretenimento tornaram-se, como já disse, a referência – para a massa, a única referência – para um povo de baixa escolaridade, afastado da cultura tradicional e despreparado para uma fruição estética enriquecedora. A influência da educação estritamente escolar americana – objetiva, funcional e pragmática - acabou resultando prejudicial.

O equívoco reside no fato de os responsáveis pela educação no Brasil retirarem dos currículos as disciplinas de Humanidades, substituindo-as por outras ligadas às ciências e à tecnologia. Se não bastasse, os currículos de segundo grau, justamente aqueles que formam os adolescentes, foram se tornando meros receiptuários de preparação aos exames vestibulares. Ou seja, suprimiram as Humanidades e reduziram todo o restante à preparação para uma prova! Com isso, perde-se a melhor época para se plantar as sementes do discernimento, estabelecer-se o compromisso com os valores fundamentais do pacto de convivência social, despertar o imaginário e liberar a sensibilidade, exercitar a criatividade e aprender a lidar com a sexualidade, entender a amizade e iniciar-se no amor. Para, enfim, respaldar a travessia do jovem ao adulto, tornando-o capaz de usufruir, responsabilmente, do seu estar no mundo, da sua convivência social, da relação com o desejo, etc. Numa palavra, formar o ser humano e o cidadão. Porém, a inadequada reprodução do modelo americano criou uma esquizofrênica separação entre educação e cultura. Expulsaram a cultura da escola. O jovem só entenderá a si próprio e o mundo até onde a sua intuição alcançar. E, sem esse entendimento, não conseguirá estabelecer uma interlocução. Quem não consegue verbalizar o que sente, que não tem possibilidade de parlamentar, de dialogar, substitui, no seu desespero, a falta de palavras pela truculência. É a linguagem que compreende.

Se é grave a existência de um apartheid social, muito mais grave é o apartheid cultural. O primeiro resolve-se com a vontade política de acabar com a fome e a miséria. O segundo exige não só vontade política, mas anos de vivências, práticas e percepções culturais. Por isso, só se vai resolver a violência urbana com a qual temos temerariamente convivido, substituindo o armamento dos bandidos e da polícia pela interlocução. É a educação e a cultura que abrem as portas para a interlocução. São a única saída para a barbárie em que mergulhou a nossa civilização. Se a educação não se incumbe de desvelar o mundo mágico da arte, vamos continuar a ver formarem-se médicos, engenheiros, advogados, economistas – que, muitas vezes, por sorte, empenho ou talento pessoal, chegam a alcançar a competência técnica específica – que nunca vibraram com a leitura de um romance, nunca umedeceram os olhos com um soneto, nem se enlevaram ao ouvir uma

sinfonia. A educação é irmã inseparável da cultura, insisto. Afastá-las é matá-las de inanição – é limitar o homem aos números de sua produção, à sua face mais fria, à parte mais dura do seu coração. Será que haverá aí um ser humano na plenitude? Se há, que ser humano é este? E que educação é esta? E eis-nos de volta à questão central, à educação. É nas respostas a estas perguntas que os impasses e incertezas se diluem, que o caminho se define entre um e outro extremo. Por isso, é inconcebível que alguém possa formar-se médico, engenheiro, advogado ou o que seja – concluído o chamado curso superior, pertencendo à elite, tendo no mínimo dezesseis anos de escolaridade, - sem nunca ter lido um romance, ouvido uma sinfonia, visto uma exposição, assistido a uma peça de teatro, etc. No entanto, é o que acontece. Muda as perguntas sem mudar as respostas: Que cidadão é este? Que profissional é este?

[...]

Este cidadão é a vítima de um modelo educacional que renunciou aos fundamentos universais da formação – do profissional, do cidadão e do homem – para se tornar o vencedor de uma maratona de adestramento para a produção. Não assegurar a todo cidadão o direito constitucional de acesso à produção cultural, não aproximar a educação da cultura, é deixar queimando o rastilho que vai detonar a bomba. Pela Constituição de 1988, é obrigação do Estado oferecer a todos a educação convencional necessária. Mas apenas ela é insuficiente. É preciso mais. Muito mais. É preciso que a educação seja motivo de orgulho do brasileiro. O conhecimento da ciência, da história e da própria língua que fala e ama são necessidades tão fundamentais que se tornaram direitos, tornaram-se leis. Cumprir a lei é obrigação do cidadão, assim como do governante. Os governantes deveriam se orgulhar de fazer escolas, distribuir merenda e pagar com decência os professores. O bom governante sabe que só a educação possibilitará o salto que o país precisa dar para vencer o atraso em relação aos países ditos do primeiro mundo. Investir na educação e na cultura permite entrarmos, de fato, no século XXI. Porque a cultura precisa começar na escola. Só assim, a educação ganha um significado mais profundo e mais amplo porque vai formar profissionais, cidadãos e seres humanos.

[...]

Como homem da cultura, e não educador, que assiste, perplexo e impotente, o lento desaparecimento do público da cultura, assusta constatar que o filme de maior sucesso nos últimos vinte anos, Carandiru, teve cerca de 4 milhões de espectadores, num país de 173 milhões de habitantes. Apenas 2,3% da população, para um estrondoso sucesso. Voltando, o que imagino, o que gostaria, é que a educação e a cultura fossem entendidas como frutos da mesma árvore sagrada do conhecimento. E não que coexistissem em esquizofrênica separação, como agora. Cultura é tudo o que foi tocado pela mão e pelo espírito criador do homem. A mesa, que o engenho do homem extrai do tronco da árvore, é cultura. Assim como o romance, produção de um mundo simbólico que enriquece o imaginário do homem. Educação e cultura sempre andaram juntas. A educação é o braço sistematizado da cultura, é a ordenação do que se deve tratar em cada faixa etária para dar eficiência ao aprendizado, com professores habilitados a transmitir a quantidade e especificidade de saber para uma pessoa de determinada idade. E esse

professor, hoje desvalorizado, é também referência de valores morais e éticos, de atitudes.

[...]

É evidente a referência que professores são nas nossas vidas, além de tudo que nos ensinavam, estudávamos os escritores, líamos as suas obras, estudávamos os compositores e ouvíamos suas músicas, estudávamos os dramaturgos e cineastas e assistíamos as suas peças e filmes. Entendíamos cada uma dessas formas de expressão, o significado da linguagem artística e nos emocionávamos com as obras – ou seja, aprendíamos que éramos gente. O homem é, sobretudo, subjetividade. A convivência com a arte comove, enternece, cria esperança, enriquece a experiência de estar no mundo. A arte e a cultura nos permitem adquirir vivências do que não vivemos. Não só descobrimos que somos gente como nos tornamos seres humanos mais sensíveis, solidários, participantes e conscientes. Passamos a viver toda a plenitude da vida que nos foi dado viver. A educação, que nos aproxima da ciência e da tecnologia, deveria nos aproximar também das artes. Quando se trata das ilimitadas possibilidades e potencialidades do ser humano, do domínio da natureza, do conhecimento da espécie, ou do que genericamente se chama produção do espírito, a educação, com todo o peso da sua importância, reproduz a paidéia grega como processo de transmissão do saber, e deve ser entendida como o braço organizado, sistematizado e hierarquizado da cultura. Assim como a racionalidade é indispensável para compreender o homem, sua história e a utilização que faz da natureza, a sensibilidade também é indispensável para abrir as portas da percepção do mundo simbólico, do acesso à produção do imaginário, da subjetividade e das emoções. Porém, não é esta convergência o que se tem visto nos últimos anos. A educação, que ultimamente se entende como eficiente, é a que oferece uma formação apoiada exclusivamente no saber racional, de preferência amoldado ao pragmatismo imediatista de atender às demandas de um incerto mercado de trabalho, daquilo que se entende por desempenho produtivo. Entendida exclusivamente como formação profissional, abandonando a formação do cidadão e do ser humano, a educação fica reduzida ao papel subalterno de adestramento para a produção, preparação amesquinhada de mão de obra, linha auxiliar de acirramento da já perversa concentração de renda. Os professores não podem ter a atividade degradada pelo progressivo aviltamento de seus salários e das condições de trabalho. Da mesma forma que a cultura não pode se resignar às migalhas que caem da mesa do poder, interessado apenas na exploração marqueteira dos valores do espírito. A cultura oficial tem sido fachada para a ambição de suntuosas nulidades ou ao narcisismo de obscuros serviços.